

5 Conclusão

Conceber um espaço que seja o abrigo de um ritual – seja ele tão banal quanto o de todas as manhãs sair da cama pelo lado esquerdo, colocar os chinelos e ir até a cozinha para pegar um copo de água antes de entrar no banheiro – é explorar numa escala real os milhares de possibilidades de vivenciar uma experiência. Acredito que essa tentativa só é válida na medida em que o homem reconhece-se, apropria-se, estabelecendo o tal “copertencimento” com o lugar. O homem precisa reunir os significados apreendidos pela experiência e simbolizar seu modo de entender o mundo, criando para si mesmo algo que dê concretude a sua existência. Afinal, quanto mais ele se aproxima do que lhe parece material e real, mais sua realidade lhe é reenviada junto com as camadas de vida que a acompanham.

Heidegger pensou o espaço em sua vinculação ontológica com a noção de lugar. Em seus escritos, a relação entre o homem e o espaço é o habitar pensado de maneira essencial:

Um lugar se mostra como origem, ou a essência, de diferentes espaços, que acontecem como dádivas, ou doação do lugar. Cada um destes espaços assim doados detém seus próprios limites: é um espaçamento aberto e arrumado que se articula com outros espaços igualmente arrumados e limitados, integrando-se uns aos outros ¹¹³.

É a doação original de espaço para a permanência de um ente em seu lugar que permite o desencobrimento do mundo através da abertura de sua espacialidade própria. O lugar é a concreta manifestação da verdade do ser. Os espaços abrem, liberam e concedem localidades e lugares, simplesmente por serem admitidos no habitar dos seres humanos. O lugar é o espaço ocupado, ou seja, habitado. Pelo simples ato de construir poeticamente, o lugar é a encarnação da quadratura porque traz o mundo de volta à terra. No lugar a terra guarda o mundo que se abre, e no conflito entre abrir e guardar o copertencimento desses adversários do habitar é revelado.

Quando a ligação de copertencimento afirmada por Heidegger se estabelece, quando conseguimos iluminar e transfigurar o mundo por meio de uma obra de

¹¹³ PÁDUA, Lígia Teresa Saramago. *A “topologia do ser”*. Lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger. Tese de doutorado em filosofia, Departamento de Filosofia, PUC - Rio, 2005, p. 251.

arte – seja ela arquitetônica ou não –, podemos vê-lo diferentemente e como é de fato; podemos provar a busca existencial do sentido da vida. A instauração de um lugar é um acontecimento, uma oferta, uma abertura.

O lugar nasce de um desejo preexistente, porém muitas vezes desconhecido, que aparece apenas no momento em que se reconhece. O “dar lugar”, “abrir espaço”, ou “espaçar”, nas palavras de Heidegger, concede a possibilidade de copertencimento, do repouso em si-mesmo, do refúgio na experiência da verdade. Para Heidegger o espaçar é a livre doação de lugares, nele fala e vela um acontecer, é um duplo movimento de permitir e dispor, de resguardar a reunião das coisas em seu copertencimento. O espaçar está na fundação da localidade, pois aceita o desafio de corporificar através de uma metáfora, de uma linguagem poética, um universo infinitamente vasto que transporta para o infinitamente pequeno. É dar lugar a um abrigo que deve guardar, proteger todas as suas características originárias; ao mesmo tempo em que deve expor, abrir, explodir, para resgatar o autêntico habitar.



Ilustração 36 - Espaço livre no bairro Batel. Curitiba. Foto de autoria própria. 2009.

A arquitetura deve dar lugar, deve revelar os significados presentes no ambiente dado para resgatar o autêntico habitar do homem na terra. Dar lugar é deixar que o deus do lugar, o *genius loci*, se manifeste. A arquitetura conjuga o espaço, o tempo, a ação, para suscitar, cada um a sua maneira, sentido e valor. As artes do espaço proporcionam o olhar, o escutar, o sentir; são artes do ponto de vista da presença que devem dramatizar o espaço da vida e colocar no seu centro o homem, ator e espectador, artista e salvaguarda. Na linguagem corrente diz-se que toda ação “tem-lugar”. “Ter-lugar” é a grande questão das artes espaciais, o propósito existencial da arquitetura, pois é a abertura de um lugar que até então não existia para o acontecimento de uma ação que nele terá lugar um dia, que antes só existia de modo latente no espaço inócuo. Ter-lugar é o despertar de algo adormecido, é o aparecer de algo latente, é o encontrar-se mundo na vastidão do mundo. Ao existir, o ser tem-lugar; ter-lugar é um acontecimento na dimensão temporal da experiência no espaço imbuído de significado.

O lugar do homem, sobre a terra e sob o céu, é a matéria essencial da arquitetura, aquilo de que a arquitetura se ocupa, é a matéria que reconhecemos e que se pode definir como a forma corpórea do espaço em função do habitar humano. Deve-se, portanto, questionar a invenção do espaço como um fim em si mesmo, deve-se refletir sobre as consequências ontológicas de construir edificações, pois a organização do espaço deve partir da ideia do estabelecimento do habitar para que a existência humana tenha lugar nesta terra.

Podemos considerar que o pior inimigo da arquitetura é o conceito de espaço considerado exclusivamente por si mesmo e em termos de suas exigências técnicas e econômicas, indiferente à ideia de onde, para quem, quando e por que será inserido. O projeto arquitetônico tem a missão de revelar a essência do âmbito, da ambiência, mediante a transformação de sua forma. A ambiência não é, portanto, um sistema exterior em que a arquitetura se dilui. Ao contrário, é matéria constituinte da obra. O ambiente construído que nos cerca é a transposição em formas, em volumes, em vazios, do significado que compõe a qualidade específica do lugar.

Se vivemos num momento histórico destituído, num mundo carente da base que lhe dá fundamento, no qual o homem não pode mais fixar suas raízes e permanecer, o habitar do mundo na terra está afetado. Se o homem tornou-se um desabrigado, um habitante do abismo onde se esconde o perigo do não-ser ao

mesmo tempo em que cresce aquilo que pode salvar o ser do não-ser, o desafio da arte e do pensamento é o de percorrer esse abismo para encontrar a clareira.

Por muito tempo acreditamos que a ciência e a tecnologia seriam capazes de libertar-nos da dependência direta da terra, do céu, dos deuses e dos outros homens – crença que se revela totalmente ilusória diante do caos ambiental e do nítido esgotamento dos recursos não-renováveis. O mito do progresso ilimitado deve ser questionado, e a produção/criação de lugares deve repensar os conceitos da arte-de-construir, devolvendo ao pensamento sobre o lugar sua verdadeira importância.



Ilustração 37 - Mais um edifício em construção. Curitiba. Foto de autoria própria. 2011.

A arquitetura é uma expressão direta da presença humana no mundo, e se o exercício da arquitetura na sua grande maioria se empobreceu mediante a tendência predominante de reduzir toda a expressão arquitetônica a uma cultura de consumo; se as construções em sua maioria sucumbem à “Síndrome prevalente de empacotar o abrigo como uma mercadoria gigante”¹¹⁴; se a poética da construção

¹¹⁴ FRAMPTON, Kenneth. “Rappel à l’ordre, argumentos em favor da tectônica”. In: NESBITT, Kate (org.). *Uma Nova Agenda para a Arquitetura*. Antologia Teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac Naify, 2006, p. 557.

não está em sua maioria resistindo à mercantilização do abrigo e à força do mercado imobiliário; se assistimos e participamos da destruição da própria Terra que nos alimenta; se o “estar-sem-mundo” da presença do homem anda subindo morros, descendo rios, invadindo praias, ocupando beiras de estradas, rompendo o céu, construindo não-lugares, devemos perguntar por que está ocorrendo deste modo. Será que nesses lugares está o paraíso perdido? Por que tão poucas construções contemporâneas tocam nossos sentimentos? Por que os apartamentos em que moramos parecem sufocar e reprimir nossos devaneios? Por que andam cada vez mais escassos os lugares em que o desejo pode se reconhecer e habitar?



Ilustração 38 - Portão da casa do seu Niltom. Favela Parolim. Curitiba. Foto de autoria própria. 2009.

Se uma construção não preenche as condições para se materializar como símbolo da existência humana, como um instrumento metafísico onde a nossa existência passageira pode ganhar um reflexo na eternidade, ela não é capaz de suscitar sentimentos e emoções, de estar em um lugar único ligado ao nosso ser com as imagens e formas do edifício que cria.

Nas palavras de Heidegger:

Por mais difícil e angustiante, por mais avassaladora e ameaçadora que seja a falta de habitação, *a crise propriamente dita do habitar* não se encontra, primordialmente, na falta de habitações. A crise propriamente dita de habitação é, além disso, mais antiga do que as guerras mundiais e as destruições, mais antiga também do que o crescimento populacional na terra e a situação do trabalhador industrial. A crise propriamente dita do habitar consiste em que os mortais precisam sempre de novo buscar a essência do habitar, consiste em que os mortais *devem primeiro aprender a habitar*.¹¹⁵.

Como já vimos, o sentido mais profundo do habitar vem do sentimento de não estar em casa, que remete à necessidade de habitar em algum lugar: “ser, pois, autêntico, não é, entretanto, um voltar para a casa. Não é uma solução para, ou um superar a ausência de morada. É, antes, um viver com ausência de morada.”¹¹⁶.

Quando Deus expulsou Adão do Jardim do Éden, para que este cultivasse a terra de onde tinha sido arrancado – terra que antes de ter comido do fruto do conhecimento lhe era um lar –, disse: “17 Porque ouviste a voz de tua mulher e comeste do fruto da árvore que eu te havia proibido comer, maldita seja a terra por tua causa. Tirarás dela com trabalhos penosos o teu sustento todos os dias de tua vida. 18 Ela te produzirá espinhos e abrolhos, e tu comerás a erva da terra. 19 Comerás o teu pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra de que foste tirado; porque és pó, e pó te hás de tornar.”¹¹⁷.

Enquanto não morre, o homem busca. Busca a paz, o abrigo, a reunião, o pertencimento, a liberdade. O homem busca o paraíso perdido que povoa suas fantasias, que ocupa seus desejos, que fundamenta seu peregrinar, que significa seu suor, que origina seu pensar, que habita seu ser.

¹¹⁵ HEIDEGGER, Martin. “Construir, habitar, pensar”. In: *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 140.

¹¹⁶ YOUNG, Julian. “What is dwelling?”. In: *Heidegger, Authenticity and Modernity - Essays in honor of Hubert L. Dreyfus*, volume 1, editado por Marc A. Warthall e Jeff Malpas. Massachusetts: The MIT press, 2000, p.189-90. Tradução de PÁDUA, Lígia Teresa Saramago. In: *A “topologia do ser”*. Lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger, Tese de doutorado em filosofia, Departamento de Filosofia, PUC - Rio, 2005, p. 126.

¹¹⁷ Bíblia Sagrada. Gênesis 3,17 a 3,19.



Ilustração 39 - Carrancas, Minas Gerais. Foto de Fabio Gomes. 2012.